

Arte no concreto

Exposição fotográfica retrata a evolução do grafite nos muros, balaustradas e viadutos da cidade

Flávio Costa

Antes as imagens captavam em preto-e-branco mensagens de humor, protesto e sátira. O foco do então dublê de fotógrafo eram as pichações que abundavam nos muros, tapumes, balaustradas e viadutos da Salvador dos anos 80. Com o passar do tempo, estes mesmos pontos passaram a ser vitrines de trabalhos mais elaborados em que as cores tomaram forma. As lentes registraram todas as nuances deste movimento. Fotografias que retratam a evolução do grafite na capital baiana podem ser vistas na exposição *Arte de rua*, do artista plástico e fotógrafo José Francisco Paranaguá. As 128 fotos selecionadas, de um acervo de mais de mil, ficarão até 27 de maio, na Alameda Newton Rique, segundo piso do Shopping Iguatemi.

Relações públicas da Empresa Bahiana de Águas e Saneamento (Embasa), Paranaguá fazia fotos para assessoria de imprensa da instituição quando começou a registrar pichações satíricas em Salvador, nos idos de 1984. O que era um hobby transformou-se num trabalho consistente que percorreu toda a cidade. "Fazer uma exposição como esta objetiva antes de tudo divulgar o trabalho de artistas que poderiam estar em qualquer galeria de arte".

As fotografias de Parana-

guá abrangem tudo que foi feito em matéria de arte de rua em Salvador nestes 23 anos. Dos primeiros riscos até os trabalhos em porcelana de artistas plásticos – pichações em forma de protestos, pinturas a óleo, mosaicos de cerâmicas, azulejos multicoloridos em formas de figuras humanas e animais. O nome grafite (de origem italiana, *graffiti*), significa marca ou inscrição feita em parede – denominação desde o Império Romano.

Ao prestigiar a exposição, o espírito mais resistente a este tipo de manifestação artística perderá o preconceito de achar que obras que se vêem em avenidas do centro, litoral e periferia da cidade são pura poluição visual ou atos de vandalismo. "Quando estes jovens que faziam grafites começaram a ter espaço para mostrar seus talentos, eles perceberam que não precisaram mais pichar monumentos", afirma Paranaguá. Ele cita como exemplo o projeto municipal Grafite Salvador, que dá bolsa e espaços de pinturas a jovens carentes que trabalham com grafite.

Beleza - Com o olhar atento sobre as fotografias, o técnico em mecânica, Renato Oliveira, 58 anos, declara que o grafite acaba por embelezar a cidade ao torná-la mais colorida. "É uma arte que carrega uma beleza que enriquece a cidade". Avô de um grafiteiro, Renato também considera que trabalhos como os que estão



Fotos mostram que muitos dos grafites feitos na cidade poderiam estar em galerias de arte

expostos no Shopping Iguatemi poderiam fazer parte de qualquer galeria de arte.

"Não vejo nenhum obstáculo para isso", palpita o auxiliar de serviços externos Antônio Carlos Bonfim. Porém, ele prefere ressaltar o cunho social do grafite. "Na minha

opinião, fazer um grafite é antes de tudo um gesto de protesto, mas que é uma forma de arte, com certeza".

Um dos pioneiros da arte de rua em Salvador, o artista plástico Miguel Cordeiro, que assina suas intervenções sob o nome de Faustino, declara

que a exposição de Paranaguá tem um grande valor histórico. "Nós vivemos num país desmemoriado. Então uma iniciativa como esta representa uma contribuição enorme à memória deste tipo de cultura urbana". Responsável por um blog sobre o assun-

to na internet, Faustino afirma que aceitação das pessoas a este tipo de manifestação artística já é muito maior do que há 20 anos. "No início quando a gente começou a grafitar nos anos 80 havia uma resistência das pessoas, o que não acontece hoje em dia".

Paulo M. Azevedo